


# LITERATURA DE CORDEL NO ACERVO DA REVISTA BRASILEIRA DE FOLCLORE ENTRE AS DÉCADAS DE 1961 - 1974

Laura Yasmim Rodrigues Sanguinette

Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP

laura.2020201857@unicap.br

RESUMO: O presente resumo apresenta informações acerca de uma pesquisa documental, que tem como objetivo pesquisar sobre o conceito de literatura de cordel abordado na produção intelectual da Revista Brasileira de Folclore, que foi publicada, semestralmente, pela Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, entre 1961 e 1974.
O acervo se encontra disponível na hemeroteca digital do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular. O percurso metodológico abarcou i) pesquisa sobre o termo "literatura de cordel" no acervo da Revista Brasileira de Folclore; ii) catalogação dos/das intelectuais que escreveram sobre o assunto literatura de cordel na Revista Brasileira de Folclore; e iii) seleção e transcrição dos trechos que abordam o conceito de literatura de cordel. O material catalogado apresenta um conjunto significativo de informações acerca da literatura de cordel na forma de notícias sobre festas, cursos, literatura, xilogravuras, esculturas, discussões sobre livros ou contações de história, descrita em versos e rimas.

**PALAVRAS-CHAVE**: LITERATURA DE CORDEL, XILOGRAVURA, FOLCLORE.

Presente artigo acerca de matérias no acervo digital da Revista Brasileira de Folclore onde se encontram revistas, periódicos, livros, notícias, xilogravuras, etc. Ao longa da pesquisa foi abordado estudos sobre os principais lançamentos, estudos e autores de diversas áreas, interpretando sobre [1]Literatura de Cordel, na Revista Brasileira de Folclore periódico de circulação nacional, editado pela Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, entre 1961 e 1976, disponível no acervo digital da Biblioteca Amadeu Amaral do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular. , com a utilização acerca das principais notícias ao longo dos anos de 1961 a 1974, como o contexto político e social verbalizou o conceito de Literatura,

[1] Literatura de cordel folheto, literatura popular em verso,

acrescentando diversos autores a questão regional e social, com o passar do tempo a ditas literatura popular, na qual foi aguerrida por moradores locais de cidades, com esse contexto a forma de se fazer a literatura de folhetos por cidadãos locais era de grande importância, iam ao centro mostrar as suas histórias contadas em forma em folhetos na forma de rimas e versos, a locais no grande centro que integrava esses autores vindos do interior para apresentarem.

Imagens sobre Cordel em viagem ao Atelier de J. Borges.



Literatura de Cordel. Atelier de J. Borges. 2022.

Como a Casa de Rui Barbosa como no verso adiante demonstra. Publicado entre Setembro/ Dezembro de 1962 na área de noticiário, como algumas obras estavam sendo representadas para apresentação em um grande público no centro de Recife. O noticiário publicado fala sobre a casa de Rui Barbosa onde alguns autores iriam publicar suas literaturas de cordel e cancioneiros populares do país, o editor Sávio Antunes que lançou algumas de suas xilogravuras da coleção de folhetos da Casa Rui Barbosa.

*"A casa de Rui Barbosa acaba de publicar Literatura Popular em Verso, primeiro tomo de uma trilogia que reunirá literatura de cordel e cancioneiro popular do nosso país. A êsse primeiro tomo, que constituí o catálogo geral, seguir-se-ão uma Antologia e finalmente Estudos."*

Autor desconhecido, 1962. Revista Brasileira de Folclore.

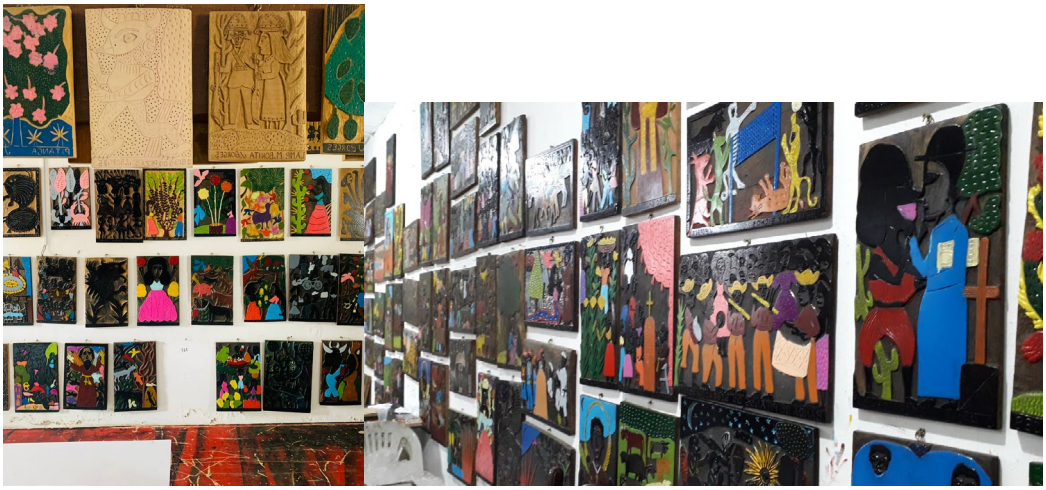
Ainda pode-se visualizar neste próximo trecho o noticiário que fala sobre a inauguração no Museu de Arte Moderna, no Rio de Janeiro, a exposição de gravuras e esculturas folclóricas,

com algumas colaborações dos Museus da Universidade do Ceará e o de Artes e Técnicas Populares, a entrada de autores hoje consagrados nas mediações e lançamentos, exposição das obras para suas capas como grande forma de chamar a atenção para os leitores, a [2]Xilogravura trás nas suas imagens capas chamativas e com títulos na quais o público de interesse. Publicado entre Setembro/ Dezembro de 1963 com o título Exposição de gravuras e esculturas folclóricas.

> *"Mostrando gravuras em casca de carnaúba, para capas de folhetos de literatura de cordel, exposição que já havia percorrido, com o melhor êxito, várias capitais européias, e de ex-votos de madeira, a exposição no Museu de Arte Moderna estará aberta ao público até o dia 12 de janeiro. O folclorista Oswald de Andrade Filho, diretor do Museu de Artes e Técnicas populares de São Paulo."*

Autor desconhecido, 1963. Revista Brasileira de Folclore.

As técnicas utilizadas para as capas introdutórias se dão aos [3]xilógrafos, que esculpem nas madeiras as imagens que serão utilizadas nas capas dos folhetos.



Xilogravura, Atelier de J. Borges, 2022.

As representações de Literatura de Cordel acerca do folclore, iniciada pelas campanhas pelo estado pela defesa do folclore brasileiro, essas exposições levava o literário e os folhetos que

[2] Xilogravura significa gravura em madeira.
[3] substantivo masculino artista que grava em madeira.

se predomina folclore, o que se era dado aos não letrados e ofertado ao estado e campanhas de conscientização.

Janeiro/ Dezembro de 1964 publicado em noticiários, dentro da Revista Brasileira de Folclore, como título do dia do folclore.

> *"As comemorações do Dia do Folclore, em 1964, foram iniciadas pela campanha de Defesa do Folclore Brasileiro com a inauguração no dia 21 de agôsto, no saguão da Biblioteca Nacional, da exposição de arte popular que ficou aberta ao público até o dia 26. Nela predominaram esculturas em cerâmica, incluindo também gravuras, esculturas em madeiras, brinquedos, fotografias, ex-votos, literatura de cordel etc., num total de cêrca de quinhentas peças representando quase todos os Estados do Brasil e dando uma visão global do que ocorre no setor das criações artísticas populares em nosso país."*

Autor desconhecido, 1964. Revista Brasileira de Folclore.

Os livreiros vendem seus folhetos em feiras que ao longo Nordeste, onde o cordel se tornou grande centro de visibilidade, e que logo após anos se expande para outros locais do Brasil, nessas vendas muitos tornavam colecionadores de histórias dos folhetos.

> *"Na primeira página, com reprodução ampliada de uma xilogravura popular, dessas que ilustram as capas dos folhetos de literatura de cordel, a redação trata precisamente dêsse material folclórico. Em pequena história dos cantadores populares do nordeste Claúdia Castro nos apresenta essa literatura de cordel, cujos folhetos os próprios poetas populares vendem nas feiras de Salvador, Juazeiro do Norte, Recife, Maceió, etc., conhecidos inicialmente no Nordeste brasileiro e que hoje estão difundidos por todo o Brasil, havendo bastante interesse no seu estudo e na sua coleção."*

Autor desconhecido, 1965. Revista Brasileira de Folclore.

Neste capítulo fala sobre as obras de Mário de Andrade e como as obras são necessárias para uma discussão e entendimento da cultura brasileira, dos componentes da etnia brasileira em diversas obras como Macunaíma, as obras eram ligeiramentes utilizadas pelos autores literários, seja para introduzir uma forma regional, como na obra de Mário de Andrade onde se analisa a forma em que foi introduzido e utilizado o cordel em suas obras. Título do Noticiário.

> *" Nas crônicas de Os filhos de Candinha, as frases feitas, as supertições, e até aquêle fabuloso Macabeba de vassoura nas mãos, queimando terra e bebendo água do mar <<cabelo e pé, quatro olhos, e um rabo metade leão metade cavalo>> Em música, doce música reservou uma seleção do livro para o folclore, onde reúne vários trabalhos inclusive uma dissertação a respeito da origem do fado e, no baile das quatros artes, republicou um artigo, saído com pseudônimo, <<Romanceiro de Lampeão>>, anotando curiosidades que aparecem nos folhetos de feira, a chamada literatura de cordel mas que é exposta no chão. De passagem se diga, um dos folhetos em que descrevem os cangaceiros do bando de Lampeão, é a republicação de poema antigo dedicado a Lampeão, confirmandoa norma de ajustar o herói historico ao herói da convenção literária tradicional."*

Autor desconhecido, 1966. Revista Brasileira de Folclore.

Neste fascículo a importância do estudo e da visualidade dos folhetos não só em seu local, como em grande escala global, Robert Lehmann-Nitsche antropólogo germanico construiu em com suas documentações diversos folhetos de Literatura de Cordel é utilizado para difundir a poesia popular. Título Poesia Popular Impresa de la colección Lehamnn- Nitsche

*"Estuda a poesia popular platense a partir da coleção do eminente antropólogo germânico Robert Lehmann-Nitsche (1872-1938), que tanta importância tem não só para a poesia popular, como ainda documentação de advinhas. Numeros livros e folhetos de circulação intensa, largamente difundidos nos meios populares, tais como os nosso folhetos de literatura de cordel, foram colecionados cuidadosamente por Lehmann- Nitsche,*

*constituindo sua notável Biblioteca Criolla que se conserva no instituto Ibero- Americano de Berlin.*
Olga Fernández Loutor de Botas, 1968. Revista Brasileira de Folclore.

Literatura de Cordel vira um centro de pesquisa, por especialistas tanto nacionais quanto internacionais, o que se assemelha a isto é o pesquisador Mark J. Curran, pesquisador da Universidade do Arizona State University, professor assistente de Espanhol-Portugues, interessou pela literatura de Cordel e como bolsista, visitou os principais centros brasileiros, entrevistando poetas, cantadores e editores. Publicado na revista parte do seu estudo, tratando da influência da literatura de cordel sobre alguns escritores brasileiros, em especial Ariano Suassuna e seu movimento armorial.  onde seus estudos sobre o folheto levaram a publicar artigos e seu doutorado, a sua influência em pesquisar como se construía, o estudo dos autores que escrevia, como Ariano Suassuna entre outros autores.

> *" Na literatura contemporânea há muitos escritores que seguem o mesmo caminho da geração de 30, a respeito da utilização da literatura popular. No romance, basta mencionar José Condé, M. Moreira de Mell, Hermilo Borba Filho e Maximiano Campos, José Condé emprega o poeta popular como personagem principal em Pensão: Riso da Noite. Hermilo Borba Filho emprega a poesia e o ambiente da Literatura de Cordel no seu romance Margem das Lembranças. M. Moreira de Mello segue o exemplo de João Guimarães Rosa no uso da poesia popular e de figuras heróicas (o valentão, o sertanejo valente, o coronel etc.) no seu Muquirama. O jovem Maximiano Campos também escreve do coronel e do cangaço, mas numa maneira muito semelhante áquela do poeta popular do folheto de feira. Também no drama se encontra o uso efetivo e essencial do poeta popular e da Literatura de Cordel. Sylvio Rabello no seu Cabeleira Ai Vem e em Pedro Malasartes imitou duas das figuras mais importantes da tradição oral e escrita. Um personagem menor, mas ainda importante, é o poeta popular na peça de Alfredo Dias Gomes, O Pagador de Promessas . Além disso, Dias Gomes baseou outra peça sua no drama messiânico, ciclo*

> *importante de Literatura de Cordel, A invasão dos Beatos, Antônio Callado utilizou a poesia popularem uma peça - Forró no Engenho Cananéias - e João Cabral de Melo Neto foi influído pelo tom do folheto e do ambiente poético do Nordeste =, o que se vê em Morte e Vida Severina.*
> Mark J. Curran, 1969. Revista Brasileira de Folclore.

Na observação sobre as obras se relaciona com Ariano Suassuna em suas obras literárias nas quais retratam o contexto regional, interiorano, na utilização da poesia popular como agente de duas principais obras, como em sua peça de O Auto da Compadecida, sua aviação em torno do personagem principal da trama João Grilo que se destaca por sua picareta, mas ao mesmo tempo pobre e servidor do senhor, essa representação em torno do personagem construído por Ariano, em seus folhetos e em sua peça teatral.

> *"NO AUTO DA COMPADECIDA Ariano Suassuna conseguiu escrever a mais clara e artística recriação daquelas qualidades que se destacam na Literatura de Cordel. O que foi dito a respeito de Jorge Amado é especialmente verdade quando se quer compreender a obra de Suassuna. Com um conhecimento dos folhetos e romances em verso adaptados a estrutura da peça e dos pensamentos de Suassuna acerca da poesia popular, ganha-se certa perspicácia e compreensão da obra do próprio Suassuna."*

> *"João Grilo: O personagem principal, João Grilo é um claro exemplo do anti-herói da Literatura de Cordel. No Brasil João Grilo representa o tipo <amarelinho> Este personagem é da mesma descendência literária dos Pedro Malasartes, da literatura peninsular. No Brasil, o tipo é visto nos folhetos de Pedro Malasartes, de seu filho João, de João Grilo, de Canção de Fogo, do filho e do neto de Canção e de Pedro Quengo. É sujeito feio e pobre, e vive somente pela astúcia. O folheto <As proezas de João Grilo> é o protótipo de todas essas estórias. Neste folheto, João Grilo tem que usar o talento e imaginação dotados por Deus para*

> *sobreviver no mundo. É respeitado por sua dureza e no clímax do folheto, responde às perguntas (quebra cabeça) do rei para sair-se de uma situação bem perigosa. Apesar de sua conduta às vezes pícara, mantém uma fé forte mas simples, em Deus, Ariano Suassuna recriou a figura de Grilo e o adaptou de maneira admirável a sua peça."*

Mark J. Curran. 1969. Revista Brasileira de Folclore.

Artigo de Lei pelo Ministério da Educação e Cultura comprometido com as leis datadas como o que se enquadra no folclore brasileiro, aos que se interessasse mostrasse declaração de que faz parte do folclore.

> *"Art. ... - Consideram-se de domínio público tradicional (a) todos os temas e motivos literários e musicais do folclore brasileiro, com exceção das letra de moda de viola e da poesia corrente da literatura de cordel e dos cantadores populares, que são de criação individual do artista; (b) todo material folclórico , coletado ou por coletar divulgado ou por divulgar, considerando de obras de especialidades de instituições de pesquisa ou de pessoas de outro modo interessadas, desde que delas conste a declaração implícita ou explícita de que faz parte do folclore brasileiro."*

Ministério da Educação e Cultura, 1969. Revista Brasileira de Folclore.

Literatura de Cordel ao adentrar no nordeste do país tomou grandes proporções literárias tanto de folcloristas populares como de eruditos, as obras em que se toma influência sejam estritamente famosas, os folhetos que eram divulgados na praça pública, e seus autores por vezes não letrados. Literatura de Cordel que hoje é algo popular é visualizado como regional, se trata além de tudo socialmente, sua difusão não seria a mesma sem seus autores, que não se tem tanto reconhecimento por não terem seus nomes em suas histórias, mas suas obras ainda se vão até os tempos atuais, de modo geral, a maioria das pesquisas concentrou-se no campo do folclore e da literatura. Nessa produção é possível identificar uma espécie de consenso em torno da origem lusitana da literatura de folhetos, que, ao passar por um processo de adaptação, teria originado uma das mais autênticas expressões da cultura nordestina. Assim, a noção de literatura de cordel passou a nomear uma produção literária

cuja distinção esteve circunscrita ao Nordeste como o lugar social dessa fabricação.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Um morto vestido para um ato inaugural**: procedimentos históricos de fabricação do folclore e/ou da cultura popular. São Paulo: Intermeios, 2013b.

ARANTES, Antonio Augusto. **O trabalho e a fala**: estudo antropológico sobre os folhetos de cordel. São Paulo: Kairós/Funcamp, 1982.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano** 1: artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. CERTEAU, Michel de, RAVEL, Jacques; DOMINIQUE, Julia. A cultura no plural. Tradução de Enid Abreu Dobránszky. Campinas, SP: Papirus, 1995.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

CHARTIER, Roger. **À beira da falésia**: a história entre incertezas e inquietudes. Tradução de Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Ed. da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002a.

CHARTIER, Roger. **Do palco à página**: publicar teatro e ler romances na época moderna séculos XVI-XVIII. Tradução de Bruno Feitler. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002b.

CHARTIER, Roger. **Inscrever e apagar**: cultura escrita e literatura, séculos XI-XVIII. Tradução de Luzmara Curcino Ferreira. São Paulo: Unesp, 2007.

HUNT, Lynn et al. **A nova história cultural**. Tradução de Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: M. Fontes, 2001.

JÚNIOR, Durval Muniz de. **A feira dos mitos**: a fabricação do folclore e a cultura popular: Nordeste 1920-1950. São Paulo: Intermeios, 2013 a.

KNAUSS, Paulo. **O desafio de fazer história com imagens:** arte e cultura visual. In: ArtCultura, Uberlândia, v. 8, n. 12, p. 97-115, jan.-jun. 2006.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado:** contribuição à semântica dos tempos históricos. Tradução de Wilma Patrícia Maas e Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

MENEZES, Ulpiano T. Bezerra de. Fontes visuais, cultura visual, história visual: balanço provisório, propostas cautelares. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 23, n. 45, p. 11-45, 2003.

MONTENEGRO, Antonio Torres. **História Metodologia Memória**. São Paulo: Contexto, 2010;

PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes históricas.** São Paulo: Contexto, 2008.

PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (Org.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2011.
RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução de Alain François et al. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 2007.

ROUDINESCO, Elisabeth. **A análise e o arquivo.** Rio de Janeiro. J. Zahar, 2006.

SILVA, Maria do Rosário da Silva: **Histórias Escritas na Madeira**: J. Borges entre folhetos e xilogravuras na década de 1970. 2015. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2015.

SLATER, Candace. **A vida no barbante**: a literatura de cordel no Brasil. Tradução de Octavio Alves Velho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984.